

Terra Brasilis - a vida como ela é - 30/01/2018

Vamos a alguns dos fatos recentes em terras tupiniquins: a ex-futura ministra do trabalho e seu vídeo-selfie se perpetuando pelo noticiário e mídias sociais mostram que há uma confusão entre o público e o privado, a ponto de seu pai repreendê-la em público, nobre político de estirpe duvidosa. O jogo profano entre SS (sim aquele do baú da felicidade que quer encobrir o teatro-resistência da Bela Vista) e o nosso querido presidente-usurpador revela que tipo de moral já pode ser apresentado na TV, sem cortes. Um juiz que quer o auxílio-moradia-palaciana dobrado não deixa dúvidas de que a luta de classes é para valer e acentua o quão as atribuições do poder jurídico-justiceiro estão deliberadas e descaradas (sim, bem-vindo ao lawfare-state). Por fim, Lula, símbolo de uma geração pura e sonhadora, mas que acordou maniqueísta e agora se digladia, condenado por uma elite que condena um projeto de ascensão social. O gigante não acordou, ele tem pesadelos.

Tristes fatos: haja psicologia e Rivotril para dormir. Mas há motivo para espanto? Desde os primórdios, o homem social inventa valores e os distorce ao seu bel prazer e fortuna. Muito embora tendamos a nos assombrar com essas artimanhas despudoradas que nos bombardeia incansavelmente esse ano de 2018, tão novo e já tão tihoso, isso só apresenta a nossa verdadeira face (ou seria cara de pau?). E é bom que seja assim, nada de maquiagens e retoques, que venha a realidade nua e crua. Tristes fatos? Muito mais do que isso, fatos irritantes que nos fazem perder a calma e de antemão nos alertam para o que nos espera. E que ano, hein? Precoce, mas que promete: copa do mundo, eleições... Verdade seja dita: se sobrevivermos, teremos uma longa história para contar. E não sobreviveremos a estes tristes fatos para dizer lá na frente: “estamos livres!”. Aqui, em terra brasilis, nunca estaremos livres.

A vida como ela é, em terra brasilis, manda recado: não veio para brincadeira. Essa miscigenação, essa diversidade esconde muita ruindade por trás desse povo alegre. Se já é chegada a hora de pular e cantar, nas vésperas do carnaval, de onde vamos puxar energia e alegria para o embalo? Tudo bem, retiremos temporariamente a poeira desses tristes fatos para que o último suspiro seja dado. Depois disso, não haverá arrego. A imprevisibilidade do que virá traz uma sombria sobriedade previsível. Tudo muito meticuloso, as víboras estão rastejando e se refestelando soberbas. O riso amarelo fabricado mostra a vida como ela é em terra brasilis. Indica que rir é para os bons, os que foram selecionados. Mas se eles riem, nós, o resto, gentalha, não fazemos muito. Vivemos na base do “tapinha nas costas”, a marca falsa de uma irresistível vontade de se resguardar, e que anuncia que eu estou aqui e você aí e que você

fique aí que eu fico aqui.